

“Entrar e sair” de museus: crônicas de João Paraguaçu segundo *Culturas híbridas*

Danilo Cerqueira Almeida *

Adeíto Manoel Pinho **

Resumo: No presente trabalho, apresentamos algumas crônicas e artigos de João Paraguaçu, pseudônimo do escritor, jornalista, acadêmico e político M. Paulo Filho (1890-1969), em dois periódicos brasileiros: **O Imparcial** (1918-1947), da Bahia, e o **Correio da Manhã** (1901-1974), do Rio de Janeiro. Esses textos memorialísticos narram e referenciam personalidades, práticas sociais e políticas entre as metades dos séculos XIX e XX. Relacionamos, então, uma breve contextualização teórica, social, econômica e midiática dessas produções na história da literatura brasileira (Olinto, 1989, 2002; Sodré, 1999) com parte dos argumentos utilizados por Néstor Garcia Canclini em **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade** (2013 [1989]) para caracterizar o não raro processo articulatório entre setores, interesses e categorizações supostamente divergentes, mas intercambiáveis, nas práticas, eventos e políticas culturais. Propomos analisar o que é pontuado historicamente pelo antropólogo e crítico cultural argentino sobre o patrimônio, a partir da análise de alguns museus da América. O ponto de vista adotado para o estudo que se apresenta é o dos aspectos memorialísticos e culturais destacados em torno dessas instituições em alguns países latino-americanos, inclusive no Brasil, em que é tema das crônicas de João Paraguaçu “No Museu Simoens da Silva”, “Museu da Cidade” e “Na Pinacoteca”.

Palavras-chave: M. Paulo Filho. Literatura de Jornal. Memória e Crítica Cultural.

1 Introdução

[...] a reflexão sobre o lugar dos museus na política patrimonial pode ser útil para encontrarmos explicações para o nosso deficiente desenvolvimento cultural e **nossa peculiar inserção na modernidade ocidental** (Canclini, 2013, p. 171, grifo nosso).

O início da leitura de um texto é como a entrada no seu universo de significação. Nesse momento, a partir das conexões depreendidas entre o mundo que nos orienta e o nosso processo de compreensão, encontramos suportes, histórias, gêneros textuais, estratégias/descrições de ação e pensamentos. Estes podem fixar, segundo o olhar e a proposta teórico-metodológicas, produções para leitura e crítica cultural. Nelas se busca um diálogo entre fatos e textos, uma articulação que deve considerar a cultura como objeto segundo a capacidade que ela tem de fomentar interações entre o que nossa percepção científica organiza e o que lhe chega do mundo e da história em nossa memória e alcance.

* Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PROGEL/UEFS).

** Prof. Titular de Literatura Brasileira da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Coordenador Executivo do Centro de Pesquisa em Literatura e Diversidade Cultural (CPLDC) do PROGEL, Coordenador do Grupo de Estudos Literários Contemporâneos (GELC).

Nesse sentido, os textos do cronista e jornalista baiano e carioca João Paraguaçu¹ tratam, dentre os inúmeros temas que aborda, do tema Museu, localizando-o social e historicamente num texto marcado pela tipicidade do gênero em que foi escrito (crônica) e da temporalidade do suporte no qual foi publicado (jornal). Esses elementos constitutivos ajudam a apontar uma visada sobre o que é tratado no texto: memórias do autor/narrador. Transitando entre os detalhes da vida individual e coletiva, João Paraguaçu apresenta um panorama político, social e cultural entre os últimos cinquenta anos do século 19 e a primeira metade do século 20. Neste trabalho, estarão presentes apontamentos contextualizados sobre os jornais em que as crônicas pesquisadas foram publicadas, **O Imparcial** e **Correio da Manhã** (João Paraguaçu), nos quais se busca relacionar os aspectos sociais, descritivos e históricos do gênero textual e literário no qual são escritas. Indo ao enredo e argumento das crônicas, estão indicações da problemática do museu no Brasil da época, bem como de suas relações com a história nacional. Foram encontrados, na pesquisa que agora é apresentada em texto, alguns objetos que serão analisados a partir do conteúdo das publicações: personalidades, relações, acontecimentos, bem como detalhes do cotidiano de pessoas ligadas à história do museu no Brasil e do Jornal.

Esta produção utiliza, para referendar sua análise na história do jornalismo brasileiro e suas relações com a literatura, além de localizar e contextualizar o jornalismo no contexto do período estudado, Sodré (1999), Barbosa (2007), Andrade (1991) e Carvalho Filho (2005). Assim, pretende-se apontar brevemente para a capacidade relacional do cultural e do político dos dois periódicos brasileiros referidos. Essas referências apontam questões que estão articuladas nos textos de Paraguaçu, analisados literariamente segundo a Ciência da Literatura Empírica (CLE/CEL) (Olinto, 1989). A partir desse olhar teórico-literário sobre a produção do autor destacada para este trabalho, ou seja, os três textos tematizados em torno da memória ambientada ou parcialmente referenciada na história de alguns museus brasileiros, identificamos elementos da crítica cultural teorizada por Canclini no livro **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade** (2013) em relação ao aparelhamento organizacional, político e econômico dos museus, bem como estratégias e implicações da organização e ritualização nas visitas a este espaço.

¹ O pseudônimo apresenta algumas variantes - e alguns erros de grafia - n' *O Imparcial*. A variante mais presente, "João Paraguassú", será registrada apenas nas referências diretas e no final do trabalho. Utilizaremos, quando nos referirmos ao autor no corpo do trabalho, como "João Paraguaçu", em consonância com alterações ortográficas e, inclusive, com o rio baiano no qual o jornalista M. Paulo Filho inspirou-se para nomear esse pseudônimo.

2 M. Paulo Filho e João Paraguaçu

João Paraguaçu é um dos pseudônimos do jornalista, escritor e político Manoel Paulo Telles de Mattos Filho, M. Paulo Filho (1890/Cachoeira-BA — 1969/Rio de Janeiro-RJ). Embora tenha nascido e concluído o curso de direito na Bahia, M. Paulo Filho foi para a cidade do Rio de Janeiro em 1911. Passando a fazer parte do jornal **Correio da Manhã** desde 1919, foi redator e diretor do periódico durante cerca de 40 anos, até a sua morte. Na cidade fluminense, presidiu a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) (1928-1929), o Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro (Sinpro-Rio) (1934) e a Academia carioca de Letras (ACL), sendo acadêmico desta e das academias Luso-Brasileira de Letras (ALBL) e Brasileira de Arte (ABA); candidatou-se algumas vezes à Academia Brasileira de Letras (ABL), mas não obteve pleito. É um dos sócios-fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro (IHRJ) e, na política partidária, foi deputado na Assembleia Nacional Constituinte nos anos de 1934 e 1935 pelo então Partido Social Democrático (PSD).

As obras publicadas por M. Paulo Filho são: **Literatura e história** (1958), **Ensaios e estudos** (1961), **Memórias de João Paraguassú** (1964), **Tempos idos** (1968) e **As máscaras** (s.d.). São publicações que se destacam pelo conhecimento crítico, histórico e literário sobre questões, episódios, espaços e personalidades da cultura nacional, elaboradas sob os gêneros predominantes do ensaio e da crônica que, não raro, foram publicadas previamente em jornais. Nos dois primeiros livros predominam os ensaios, nos dois seguintes, a compilação de crônicas; sobre o último livro, ainda não há informações concretas ou mesmo o acesso à obra.

3 Textos de João Paraguaçu

M. Paulo Filho, publicou como João Paraguaçu n' **O Imparcial**, jornal baiano de Salvador (1918-1947), entre 1936 e 1944, e no jornal carioca **Correio da Manhã** (1901-1974) entre 1936 e 1969. São 663 textos catalogados n' **O Imparcial** (1936-1944); no **Correio da Manhã** estima-se que existam, disponíveis para leitura e pesquisa, mais de 1500 textos². Segundo pesquisas até o momento, os mesmos textos foram publicados nos dois jornais, com intervalos de poucos dias entre a publicação no jornal carioca, primeiro, e no baiano, posteriormente. Serão estudados neste trabalho os seguintes textos de João Paraguaçu: “Na Pinacoteca” - **Correio da Manhã**, 19/03/1942, p. 9; **O Imparcial**,

² Segundo Almeida (2021), entre 1936 e 1944, foram publicados 1142 textos de João Paraguaçu no *Correio da Manhã*. Estima-se que, em 25 anos (até 1969), o número de textos publicados deve chegar a 1500.

21/03/1942, p. 7; “Museu da Cidade” — **Correio da Manhã**, 17/06/1942, p. 23; **O Imparcial**, 19/06/1942, p. 5; “No [Do] Museu Simoens da Silva” - **Correio da Manhã**, 30/11/1943, p. 9; **O Imparcial**, 15/12/1943, p. 5³. Embora publicados na Bahia e no Rio de Janeiro, parte numerosa dos textos, inclusive os três selecionados, são ambientados na cidade do Rio de Janeiro.

4 Jornalismo brasileiro, O *Correio da Manhã* e O *Imparcial*

A passagem do século 19 ao 20 proporcionou ao Brasil um impacto social e econômico muito intenso no campo do jornalismo. A expansão da comunicação e dos jornais que a representavam publicamente no país exigiu o crescimento de sua estrutura, tecnologia e mão de obra. A busca pela definição de atividades numa especialização organizacional atingiu dos jornalistas aos leitores, pois estava não apenas dentro dos periódicos, mas em toda a sociedade de um país que, como o mundo, findava num modelo de grande cidade avesso a aspectos tecnológicos, científicos e econômicos então contemporâneos. Ocorre, de modo geral,

[...] a transição da pequena à grande empresa. Os pequenos jornais, de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício da função. Se é assim afetado o plano da produção, o da circulação também o é, alterando-se as relações do jornal com o anunciante, com a política, com os leitores (Sodré, 1999, p. 275).

Essas mudanças sistemáticas e estruturadoras na imprensa estão ligadas, segundo o autor citado, às melhores condições financeiras e de investimento da burguesia, bem como das relações estabelecidas para a efetivação desses investimentos, segundo os objetivos dos financiadores, capitalistas, com os quais o jornalismo brasileiro, em momentos anteriores, lidava de maneira diferente das que os novos contextos exigiam. Para Sodré (1999, p. 275), “[...] a transformação na imprensa é um dos aspectos desse novo avanço; o jornal será, daí por diante, empresa capitalista, de maior ou menor porte.”

No início do século 20, surgem alguns dos mais representativos jornais brasileiros, dentre eles, o **Correio da Manhã**. Inaugurado em 1901, durante as primeiras décadas da República recém-formada, e fechado em 1974, em pleno Regime Militar, esse jornal, oriundo das instalações de outro periódico, foi adquirido pelo jornalista Edmundo Bittencourt (1866-1943). O jornal foi representativo

³ Os textos são publicados com nomes diferentes nos dois periódicos: “No Museu Simoens da Silva” no *Correio da Manhã* e “Do Museu Simoens da Silva” n’*O Imparcial*. Optaremos pelo registro “No Museu Simoens da Silva” pela publicação ser anterior à do jornal baiano, embora sempre comparemos, ao longo deste trabalho, as duas publicações.

da burguesia do centro urbano do Rio de Janeiro, exercendo de maneira bastante veemente o questionamento e a monotonia da política na então capital do Brasil, baseados em relações parciais e notadamente tendenciosas, numa definida postura de afirmação dos ainda pouco reverberados: a grande população e os assalariados:

[...] [O **Correio da manhã**] Quebrou a monótona uniformidade política das combinações de cúpula, dos conchaves de gabinete; **levantou sempre o protesto das camadas populares**, na fase histórica em que **a participação da classe trabalhadora era mínima**. Através desse caminho, **vindo de baixo**, portanto, é que se transformou, e depressa, em empresa jornalística (Sodré, 1999, p. 287, grifo nosso).

O reconhecido papel do **Correio da manhã** na cultura e no jornalismo brasileiros, ao longo dos seus 73 anos de existência, deve-se à investigação e ao combate das ações que julgava necessárias de serem denunciadas ou opinadas. Não raro, entrava em conflito com o governo por conta de sua postura defensora do jornalismo investigativo e da liberdade de imprensa, aliadas às concepções de mercado de orientação burguesa.

Não diferente é a história d'**O Imparcial**, jornal que circulou na cidade de Salvador entre 1918 e 1947, cujas marcas históricas se definem pelas orientações intelectuais de seus proprietários e diretores:

[...] Anunciava-se **O Imparcial** (1918) como órgão de defesa dos interesses do comércio, e foi o seu primeiro diretor Lemos Brito, que poucos anos depois, se transferiria para o Rio de Janeiro, sucedendo-lhe Homero Pires. **Várias fases experimentou, assinaladas pelos que se revestiam, sucessivamente, da sua direção intelectual** (Carvalho Filho, 2005 [1960], p. 93, grifo nosso).

O jornal baiano normalmente se posicionava contra o governo e a favor dos grandes coronéis da região, muitas vezes financiadores diretos ou indiretos do periódico, a exemplo do coronel Franklin Lins Albuquerque, pai de um dos mais influentes diretores na história do periódico (Segunda Guerra Mundial), o escritor Wilson Lins (1920-2004). A postura do periódico custou-lhe alguns momentos de intervenção — como a saída de seu primeiro diretor, Lemos Brito, com cerca de dois anos de gestão — e até empastelamentos (invasão do jornal para impedir a publicação). Historicamente, assim como o jornal carioca, notadamente apoiara Rui Barbosa, ainda que pelos últimos anos de vida do jurista, político e orador baiano, em duas ocasiões candidato à presidência da república e um dos mais importantes intelectuais da história brasileira, pela atuação na vida social e pública do país entre os séculos 19 e 20⁴.

⁴ Os votos do júri da revista *Época* escolheram Rui Barbosa e Machado de Assis. O voto de Minerva coube à redação da revista, que escolheu Rui Barbosa como o maior brasileiro de todos os tempos (Lima, 2006).

As ações do jurista baiano ligam os dois periódicos, apoiando-o quase continuamente em questões sociais e políticas, como alguns dos pleitos eleitorais disputados por Barbosa e a intervenção federal na Bahia (1920), ambos noticiados e com discurso enfaticamente posicionado. No **Correio da Manhã**, após a ação do governo no estado baiano, Barbosa passa a publicar artigos temáticos e extensos a respeito do tema. Os quinze textos publicados atravessavam duas, três páginas, ocupando significativa área do jornal e iniciados, em alguns casos, desde a primeira página. (Andrade, 1990, p. 82).

Publicando nos dois jornais a partir do mesmo momento⁵, o pseudônimo de M. Paulo Filho associa, nesses textos crônico-ensaísticos, a escrita sempre dialógica entre o jornal e a literatura, a memória histórica e pessoal, a experiência profissional e a percepção político-sociológica. Os temas, fatos e questões oferecem o prazer da leitura informativa e o conhecimento sobre agentes da cultura brasileira. Dentre os principais temas de João Paraguaçu estão a Academia Brasileira de Letras (ABL) e Rui Barbosa. A ligação entre esses dois temas é notória quando se percebe que o jurista baiano foi fundador e segundo presidente da ABL, sucedendo a Machado de Assis, e as relações próximas da academia com os primeiros governos da República brasileira. Os textos que o recorte proposto para esse trabalho aborda remetem à cultura e à percepção do narrador e personagens para a memória presente nos museus, bem como sua função de informar e relembrar as pessoas sobre personalidades, temas e fatos da história e da memória individual e coletiva.

5 Textos de João Paraguaçu

A crônica “Na pinacoteca” destaca a visita do narrador, acompanhado do escritor argentino Gomez Ayala, à então Pinacoteca no Rio de Janeiro. Em companhia de outro escritor, Magalhães Corrêa⁶, o espaço é percebido pelos visitantes em estado bastante malcuidado, da seleção à organização das obras: “[...] Julgavam as obras em profusão pelo mesmo crivo da censura” (Paraguaçu, 1942c, p. 9) exemplos de três cópias de obras do pintor italiano Correggio. O texto é

⁵ As duas publicações começam em 1936; porém, n’*O Imparcial*, os textos deixam de ser publicados em 1944, enquanto no *Correio da Manhã* permanecem até o falecimento do escritor.

⁶ Armando Magalhães Corrêa nasceu e morreu no Rio de Janeiro (1889-1944). Desenvolveu variadas atividades ao longo da vida, tendo sido “escultor, desenhista, professor e escritor” (Franco; Drummond, 2005, p. 1036). Fez curso de escultura na Escola Nacional de Belas Artes e foi artista premiado. Colaborou com o jornal carioca *Correio da Manhã* por meio de textos e desenhos em bico-de-pena. Suas habilidades artísticas se combinaram com os interesses de naturalista. Trabalhou como conservador na Seção de História Natural do Museu Nacional do Rio de Janeiro. (Souza, 2010, p. 104). *c* [livro de Corrêa citado no texto] foi publicado em 1936 sob os auspícios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, pela Imprensa Nacional. Antes, seu conteúdo saía publicado na forma de artigos no jornal carioca *Correio da Manhã*, entre 1931 e 1932 (Souza, 2010, p. 102).

encerrado com a afirmação de Ayala sobre a igualdade de tratamento museológico de Brasil e Argentina, e a anuência do narrador diante dos outros dois acompanhantes:

Ayala observou que em Buenos Aires o sistema era semelhante. A mesma promiscuidade. O escritor via na confusão **das coisas o mal de uma cultura** [trecho não publicado n' *O Imparcial*] ainda não sedimentada, tanto lá como aqui. Magalhães Correia refletia. Eu, acanhado de me pronunciar diante de ambos, que sabiam melhor desses assuntos, silencieei. Imaginava, porém, que o verdadeiro mal provinha da indiferença com que nós outros, os sul-americanos, **confiados no amadorismo da indústria e das artes, olhávamos os Museus e suas preciosidades...** (Paraguaçu, 1942c, p. 9, grifo nosso).

O tratamento crítico quanto ao estado questionável de organização, avaliação e manutenção dos museus é repontado em “No Museu Simoens da Silva”. Embora fosse um museu particular, o narrador destaca as mesmas condições de organização e conservação precárias típicas desses locais no Brasil da época. Levado por Simoens da Silva, o proprietário do museu, o narrador descreve o desejo em conhecer o espaço, enfatizando a insistência do detentor do acevo em apresentá-lo:

[...] Tantas vezes me falou ele [Antônio Carlos Simoens da Silva] no **amontoado de velharias e preciosidades arqueológicas que lá guardava** que me enchi de curiosidade, deixando-me arrastar pelo amável convite do incansável colecionador. **A confusão dos objetos antiquíssimos não desconcertava.** Simoens, cuja barbicha mefistofélica parecia espanear o pó que o tempo pusera por cima daquelas coisas que se deviam olhar sem tocar, ia-me explicando as origens, as tradições e o sentido histórico dos valores armazenados em sua residência (Paraguaçu, 1943b, p. 11, grifo nosso).

As memórias pessoais de Simoens da Silva ao narrador se confundem com a história brasileira quando a conversa a respeito do passado suscita a recordação do baile na Ilha Fiscal, o último antes da Proclamação da República. A afirmação de que participara do referido acontecimento em 1889 dá ao texto um aspecto de comicidade, creditada à desconfiança do narrador — percebida pelo seu interlocutor — com as afirmações sobre como o então proprietário do Museu conseguira o convite e como o pai deste o havia ingressado na festa:

Sorri, porque era preciso acreditar. No íntimo, porém, alimentava as minhas dúvidas. Não podia compreender como a um mancebo, que só se apresenta a um baile de tão rigoroso cerimonial porque o pai puxa pela mão, seria permitido valsar com as damas ilustres de uma Corte severa e exigente... (Paraguaçu, 1943b, p. 11).

Entre o cotidiano individual e a história coletiva, o texto parte da crítica à organização do museu particular para memórias - também descreditadas - que apontam para um fato sugestivamente duvidoso. O museu e a lembrança resgatada no relato sobre o baile figuram, no texto, como

importantes elementos memoriais da cultura e sociedade brasileiras. Nesse sentido, estão registrados no jornal, reafirmam a memória do narrador e, por consequência, do leitor: o texto sobre a visita do narrador ao museu é publicado mais de 10 anos depois dela (1930); segundo as memórias do narrador, nesse contexto, o acontecimento suscitado por meio do espaço cultural é lembrado mais de 40 anos depois (1889); demorou, portanto, quase 55 anos para aparecer nesta publicação (1943). Assim, a associação entre a história e as versões e visões sobre ela, ambientadas num museu, apontam para o registro de problemas nacionais da prática museográfica realizada na época — exemplo também na publicação anterior — e, igualmente, apresentam a importância disso no contexto de então (1943), ambientado na publicação em que se verifica o diálogo com gêneros como a crônica, a memória e o ensaio.

Esse tratamento autorreferenciador da memória associada à história e ao cotidiano inicia o texto “Museu da Cidade”:

— A posteridade somos nós mesmos, dizia eu ao meu amigo Agostinho d’Almeida. [...] Como a história, na opinião do filósofo Benda, se faz com parcelas dos casos que vamos assistindo, ou dos quais temos informações mais ou menos seguras, o resultado é que nós, os de hoje, sem o sabermos, preparamos as convicções e os juízos que sobre ela os de amanhã terão de externar. Não se preocupe muito com o que há de vir. Fixe-se no que está agora acontecendo. Você e os outros, devorados de seriedade no presente, darão os elementos indispensáveis aos que de futuro quiserem escrever sobre o que não viram ou conheceram através de narrativas e documentos deixados (Paraguaçu, 1942a, p. 23).

Essa fala, do próprio narrador, inicia o texto sobre a situação dos arquivos públicos e particulares da época, deficientes e desorganizados, oferecendo ao historiador um trabalho penoso e desbravador. O narrador e Agostinho D’Almeida, então vice-presidente da Sociedade dos Admiradores de Francisco Manuel da Silva — autor da música do Hino Nacional —, historicizam as práticas e atitudes de dois personagens da pesquisa histórica no Brasil: Rocha Pombo e Capistrano de Abreu. Contrariamente às ações dos dois pesquisadores, segundo aponta no texto Alcides Bezerra, quando diretor do Arquivo Nacional, disse-lhe que, “[...] à exceção de Rocha Pombo, nunca vira chegar ali um de nossos eruditos ou curiosos das coisas do passado para examinar os volumosos autos da Inconfidência Mineira. Este era, entretanto, um assunto sobre que mais se dissertavam nesta terra...” (Paraguaçu, 1942a, p. 23). Em determinado momento da conversa, os dois atestam as posturas controversas de Capistrano de Abreu sobre seu conhecimento e suas ações: “— O historiador cearense ajuntou agostinho, sabia muito. Talvez soubesse mais do que todos os outros historiadores de sua época. Mas era um cético. Faltava-lhe o entusiasmo. Colocado à distância dos fatos, era frio, seco,

impassível. Não vibrava.” (Paraguaçu, 1942a, p. 23). À concordância sobre a sentença de seu companheiro de conversa, o narrador interpela-o sobre a localização da partitura do Hino à Bandeira. Relata-lhe D’Almeida que recolhera os originais das mãos de Francisco Braga, autor da música, e, aos pesquisadores que recentemente procuravam o documento, contara-lhes que o depositara no Museu da Cidade, sob direção do próprio D’Almeida:

[...] Traz a data de 4 de fevereiro de 1906. É um ponto de partida, se quiserem, para investigações bem curiosas.

Voltamos a comentar a deficiência dos arquivos. E não era sem razão que Agostinho, sem auxílio dos poderes públicos, até sem estímulo, zelava pelo Museu, que ele sonhava ser um dia o grande repositório da vida e de inteligência de espírito dos cariocas (Paraguaçu, 1942a, p. 23).

O trecho citado finaliza a publicação de Paraguaçu, alinha o início ao final e contextualiza a afirmação inicial do narrador; também contempla o que foi exposto nos três textos sobre o papel do museu, exemplo do desestímulo dos governos em promover a melhoria de suas condições — e, por consequência, a história e a memória dos cidadãos. Aos olhos do narrador, suas afirmações e interlocuções atuam no texto de forma a demarcar localizadamente, no âmbito de suas produções, temas e destaques, o museu como amplo e potencial inventário do cotidiano intelectual da população, da sociedade e da cultura.

6 Apontamentos sobre alguns museus no Brasil

O museu é a sede cerimonial do patrimônio, o lugar em que é guardado e celebrado, onde se reproduz o regime semiótico com que os grupos hegemônicos se organizaram. Entrar em um museu não é simplesmente adentrar um edifício e olhar obras, mas também penetrar em um sistema ritualizado de ação social (Canclini, 2013, p. 169).

Breves apontamentos sobre a história dos museus no Brasil contemplam aspectos destacados por meio das referências e compreensões que se pode obter com a leitura dos textos de João Paraguaçu. A época dos textos, o ambiente no qual os autores os escreveram e, relativamente, vivenciaram os fatos — em memória ou não — apontam para as práticas ligadas à museologia brasileira, bem como o papel documental e social de grupos e publicações periódicas que podem circular em cidades, estados ou até em âmbito nacional (Andrade, 1991; Julião, 2001; Pinho, 2008; Póvoas, 2020).

Do ponto de vista das publicações de João Paraguaçu, aponta-se relações entre o período de veiculação de seus textos n’**O Imparcial** e no **Correio da Manhã** e o início do processo de mudança de orientação no tratamento dos museus no Brasil. Desde a criação do Museu Real, atual Museu Nacional (MN), em 1818, até o início da terceira década do século 20, com a criação do Museu Histórico Nacional (MHN), em 1922, a orientação etnográfica predominava nessas instituições brasileiras. Orientados segundo uma representação enciclopédica de pesquisas científicas, o MN e demais representantes dessa corrente cederam espaço e importância museológica a um “[...] modelo de museu consagrado à história, à pátria, destinado a formular, através da cultura material, **uma representação de nacionalidade**” (Julião, 2001, p. 22, grifo nosso). Nesse sentido, o MHN:

[...] acabou constituindo-se um órgão catalisador dos museus brasileiros, cujo **modelo foi transplantado** para outras instituições. [...] os museus surgidos especialmente a partir das décadas de trinta e quarenta [início das publicações de João Paraguaçu] traziam as marcas de uma museologia comprometida com a ideia de uma **memória nacional** como fator de integração e coesão social, incompatível, portanto, com os conflitos, as contradições e as indiferenças. A coleta do acervo privilegiava os seguimentos da elite, e as exposições adotavam o **tratamento factual da história, o culto à personalidade, veiculando conteúdos dogmáticos, em detrimento de uma reflexão crítica** (Julião, 2001, p. 22-23, grifo nosso).

Algumas questões capitaneadas com a criação do MHN foram intensificadas com a institucionalização do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) em 1937. Criado no decurso do Estado Novo (1937-1945), numa realidade política de autoritarismo e nacionalismo, o SPHAN confrontou concepções de ação museológica e cultural que desconsideravam suas proposições (MHN), “[...] ensejando embates de grupos intelectuais, que disputavam o predomínio de suas ideias sobre o passado, memória, nação e patrimônio” (Julião, 2001, p. 23). Entretanto, o projeto não foi instituído como o original, idealizado por Mário de Andrade. A evidente ênfase no tratamento do pluralismo cultural, presente no anteprojeto de 1936, foi redirecionada segundo “[...] um conceito de patrimônio restritivo, referente ao universo simbólico das elites, à ideia hierárquica da cultura e ao critério exclusivamente estético dos bens culturais [mais próximo dos princípios defendidos pelo MHN]” (Julião, 2001, p. 24).

Embora não tenha atuado de maneira efetiva em museologia com essa nova orientação, o SPHAN contribuiu direta ou indiretamente para fomentar novas ações e inovações no tratamento e idealização de outros museus no país. São exemplos disso o Museu Nacional de Belas Artes (Rio de Janeiro, 1937), o Museu da Inconfidência (Ouro Preto, 1938), o Museu das Missões (São Miguel das Missões, 1940), o Museu Imperial (Petrópolis, 1940) e o Museu da República (Rio de Janeiro, 1960), bem

como as implicações destes na criação de outros, como o Museu do Ouro (Sabará, 1945), o Museu Regional de São João del Rei (1946) e o Museu do Diamante (Diamantina, 1954) (Julião, 2001).

Todo esse processo é contemporâneo e se percebe ter concorrido para as crônicas históricas e memorialistas de João Paraguaçu, principalmente no intervalo em que os dois jornais, em Salvador e no Rio de Janeiro, estamparam seus textos (1936-1944). A atenção a projetos museológicos de orientação democrática, nos moldes de uma prática mais referenciada na cultura popular - ideia inicial de Mário de Andrade, como a inauguração do Museu do Folclore (Rio de Janeiro, 1968), anexo ao Museu da República, ocorre ainda durante a vida de M. Paulo Filho, falecido um ano depois, em 1969. Uma visada nos textos do autor e no contexto do período permite interpretá-los entre o acervo da elite e o tratamento cronístico do cotidiano popular de suas ações, sem promover o desvinculamento de sua condição de destaque na história e cultura.

No contexto específico do **Correio da Manhã**, a família Bittencourt, proprietária do jornal até 5 anos antes de seu fechamento, envolveu-se decisivamente na criação do Museu de Arte Moderna (MAM) (Rio de Janeiro, 1948). Andrade (1991, p. 52) destaca o apoio do jornal ao museu, apresentando um trecho de crônica de Carlos Drummond de Andrade (C. D. A.) quando da morte de um de seus fundadores, o arquiteto Affonso Eduardo Reidy (1909-1964):

Não se pode excluir do feito a participação do influente CORREIO DA MANHÃ, que dedicou sempre páginas e os maiores espaços ao MAM. Inclusive com a voz da poesia e da inteligência de seu colaborador, Carlos Drummond de Andrade, que escreveu:

Uma coisa pura
Em face do mar
Uma forma nova
Ante o mar antigo.⁷

Sendo diretora do museu por 10 anos (1948-1958), Niomar Moniz Sodré (1916-2003), esposa de Paulo Bittencourt (1895-1963), então diretor do periódico carioca, é uma das articuladoras do projeto do novo museu no Rio de Janeiro. Após a morte do marido, assume a direção do periódico de novembro de 1963 até 1969. Ela começou a trabalhar no **Correio da Manhã** em 1939, onde conheceu o futuro esposo. O casal, em viagens por cidades dos Estados Unidos (EUA), México e quase todas as capitais da América Central, é interpelado em Nova Iorque por Nelson Rockefeller (1908-1979), então presidente do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MoMA) - e que, posteriormente, seria

⁷ A crônica de Carlos Drummond de Andrade ([C. D. A.], 1964, p. 6), “Reidy: lembrança”, apresenta os versos “uma coisa pura/ linha, luz e ar/ pousa em frente ao mar.”

governador desse estado e vice-presidente do EUA. Niomar é apresentada a Rockefeller. Este percebe, naquela, características para a direção do projeto cultural de um museu:

Pode-se afirmar que o MAM do Rio de Janeiro nasceu nos horizontes que as viagens proporcionaram àqueles que fazem de seus itinerários também uma viagem de busca a conhecimento.

.....
[...] Ao notar a tendência de Niomar [Moniz Sodré] para as artes plásticas, [Nelson Rockefeller] sugeriu que ela fundasse um museu no Rio de Janeiro. Quando ela reagiu — “por que eu?” —, ele respondeu:

— Porque não vejo ninguém, no Brasil, com as suas credenciais: amor à arte, conhecimento do meio, influência social e um jornal importante como o CORREIO DA MANHÃ. Todo quando é indispensável para dar o impulso inicial (Andrade, 1991, p. 48).

O fragmento anterior destaca as predisposições de Niomar Sodré para articular a criação do MAM, um museu em que, segundo Sant’Anna (2010, p. 83), implantou-se, com essa diretora, uma política que lhe atribuía uma “[...] missão social, [que] procurava fazer uma vanguarda com efetividade na história.” Essa, “[...] ao invés de crítica da memória, se movia ao lado do museu em direção à implementação do moderno” (Sant’anna, 2010, p. 74-75), num modelo de ação que imediatamente o integrava como objeto e horizonte de musealização.

7 Literatura, Jornalismo e Cultura: textos de João Paraguaçu sobre o patrimônio

Para empreender uma proposta analítica mais definida sobre o que foi apresentado em relação aos periódicos **Correio da Manhã** e **O Imparcial**, bem como as três publicações de Paraguaçu e a contextualização dos dados históricos, políticos e sociais a respeito do tema abordado neste trabalho, os museus, faz-se necessário uma ferramenta de leitura sociológica e crítica segundo elementos literários e culturais, segundo os quais os elementos apontados existam em coerência temática e argumentativa. Tanto o que está interno às narrativas de Paraguaçu quanto às práticas museológicas públicas e particulares anteriores à década de 30, e quanto às articulações para a criação do MAM, apoiadas veementemente pelo **Correio da Manhã**, jornal marcado por crítica às ações do governo e onde João Paraguaçu publicou seus textos por 33 anos (1936-1969), evidenciam a questão da concepção, gerência e expansão do patrimônio. Para o autor de **Culturas híbridas**,

[...] o patrimônio é o lugar onde melhor sobrevive hoje a ideologia dos setores oligárquicos, quer dizer, o tradicionalismo substancialista. Foram esses grupos hegemônicos — hegemônicos na América Latina desde as independências nacionais até os anos 30 deste século [século 20], donos “naturais” da terra e da força de

trabalho das outras classes — os que fixaram o alto valor de certos bens culturais: os centros históricos das grandes cidades, a música clássica, o saber humanístico (Canclini, 2013, p. 160).

A afirmação do crítico argentino Nestor Garcia Canclini permite compreender o período e os fatos apontados sobre o controle e ligação de **O Imparcial** com os coronéis, bem como a atuação de personalidades na elaboração das políticas de atuação dos museus no Brasil concretizadas, pelo menos, até 1968. Ao reconhecermos que as alianças dos museus com os meios de comunicação de massa e o turismo foram mais eficazes para a disseminação massiva das práticas culturais (Canclini, 2013, p. 170), os textos de João Paraguaçu nos dois jornais, com o registro da situação das práticas museológicas no Brasil, bem como a percepção de Rockefeller sobre o potencial gerenciador de museus de Niomar Sodré, apresentam-se como elementos constitutivos de uma argumentação coerente histórica e tematicamente, uma vez que Paraguaçu publica no período de implantação e início da modernização dos museus no Brasil e, de modo geral, na América Latina (1936-1969).

Em torno dos textos de Paraguaçu, foco de atenção deste trabalho com o principal auxílio do livro de Canclini, apresenta-se uma concepção de literatura que concorre para a interpretação e estudo de uma escrita entre o universo do jornalismo e da literatura. Nesse sentido amplo, abarca possibilidades para a exploração criativa e analítica de contextos, assuntos, estilos e diálogos entre diversas áreas e o literário, uma vez que,

[...] como teoria da ação [...] tematiza então o texto literário como [...] **as diversas dimensões do sistema literatura, ou seja, a produção, mediação, recepção e a elaboração pós-recepcional de textos literários** [...] em sistemas históricos definidos por determinados processos de socialização, necessidades cognitivas e afetivas, intenções e motivações gerais e, ainda, por **condicionamentos políticos, sociais, econômicos e culturais** [...] (Olinto, 1989, p. 27, grifo nosso).

Destarte, a Ciência da Literatura Empírica (CLE/CEL), proposta teórico-metodológica para o estudo literário, entende a sociedade da forma como está representada nos textos de Paraguaçu, a partir do modo articulado em relacionar história, memória e sociedade no jornal e na literatura: “[...] como sistema de sistemas de ações sociais tais como, política, economia, educação, etc. [...] e **estruturada a partir da relação de seus sistemas parciais** [...]” (Schmidt, 1989, p. 44-45, grifo nosso). Para a autora, as culturas - ou, podemos chamá-las, complexos de sistemas - são formas diferenciadas e modelares de uma mesma realidade concreta, objetiva. Isso permite observar formas incontáveis de concepções de realidades e práticas, somente conhecidas por meio do pensamento e de ações marcadas e concretizadas no tempo e no contexto de experiências e valores. João Paraguaçu,

desse modo, age de forma a realizar, por meio dos três textos citados sobre museus - mas que se reafirma em quantidade significativa nos 663 textos d’**O Imparcial** e mais de 1500 no **Correio da Manhã**, o que aponta Canclini em relação ao patrimônio, que é

[...] reformulado levando em conta seus usos sociais, não a partir de uma atitude defensiva, de simples resgate, mas com **uma visão mais complexa de como a sociedade se apropria de sua história, pode envolver diversos setores**. [...] Interessa aos funcionários e profissionais ocupados em construir o presente, aos indígenas, camponeses, migrantes e a todos os setores cuja identidade costuma ser afetada pelos usos modernos da cultura (Canclini, 2013, p. 202-203, grifo do autor).

Considerando o alcance territorial dos jornais citados e o público leitor que direta ou indiretamente era contemplado com a leitura ou a contextualização da publicação, interessados em saber informações sobre a história a partir do cotidiano de algumas personalidades (personagens) antigas ou contemporâneas, os textos oferecem uma visão cotidiana da sociedade, incluída a partir do emergente e imediato tratamento cronístico e memorialístico dado aos textos. Na questão dos gêneros envolvidos na crônica de jornal, levar em conta essa híbrida e móvel manifestação na escrita “[...] é também entender que, como o mundo, também **os textos se modificam através dos diálogos constantes**, razão pela qual podem e devem ser abordados e examinados a partir de um grande número de perspectivas [...]” (Barbosa, 2007, p. 134, grifo nosso).

Assim, a circularidade da escrita fundada na memória, em Paraguaçu, carrega consigo a lembrança pessoal, levando a cabo uma concepção histórica, coletiva e complexa da sociedade, exemplificada em suas necessidades combinatórias e negociáveis para a manutenção, o equilíbrio e a continuidade das forças que lhe sustentam. Entretanto, como é produção e agente de traços híbridos, propicia com a leitura e a intermediação da realidade o aparecimento de elementos que instigam novos estudos e práticas, atestando ou atualizando a própria importância segundo os velhos tempos, as concepções antigas e os olhares das novas gerações, sociedades e, no que é sempre bastante mutável, das próprias culturas.

Considerando as afirmações de Pinho (2008) no âmbito da Literatura de Jornal, João Paraguaçu (e M. Paulo Filho), sendo um produtor de literatura, é sempre um intelectual na acepção da palavra. Não concebendo a sua atividade como a de um especialista, realiza a transgressão típica da inovação crítica e literária quando, embora não se aplicando a buscar essencialismos nas estratégias ficcionais ou na investigação crítica (para os moldes contemporâneos), reconhece a própria atividade como inevitavelmente articulada às implicações sociais do que faz. “Ser intelectual é [, assim,] **incluir-se**

num projeto de atuação e crítica social, tanto na instância escrita quanto no debate oral.” (Pinho, 2008, p. 279, grifo nosso).

Considerações finais

Por meio deste trabalho, intentamos buscar nos periódicos **Correio da Manhã** e **O Imparcial** informações que contribuam de forma decisiva para a compreensão dos textos elencados de João Paraguaçu, bem como apontar para elementos que se destacam na obra deste, em parte significativa publicada nos dois jornais brasileiros. Nesse sentido, “Entrar e sair dos museus” segundo os três textos apresentados, amparados por elementos históricos, sociológicos e literários de enfoque e estudo crítico-culturais, contribui sobremaneira para os estudos sobre memória, sociedade e política contemporâneas. Isso acontece na medida em que, mesmo sendo de épocas diferentes, o material pesquisado e o arcabouço teórico convergem, mediante o percurso analítico descrito neste trabalho, para a efetivação de correspondências entre a literatura e a história, produzidas em função do jornalismo a partir de sua ligação estreita, sistemática e simbiótica com o exercício literário no corpo (ou subsistemas) da cultura. Na contemporaneidade, a literatura

[...] encontra-se sempre hibridamente articulada em contato com gêneros não literários e com meios de comunicação e expressão não discursivos. Nesse sentido, **o hibridismo é hoje o fundamento e a regra para o escritor e não a exceção**, e o desafio maior para todos os estudos de literatura é, por um lado, sinalizar sensivelmente aquilo que apenas a literatura sabe fazer e, por outro, as confluências entre as novas formas de produção literária e inovação de outros meios como a fotografia, a televisão, o cinema e os meios eletrônicos (Olinto; Schøllammer, 2002, p. 16, grifo nosso).

Em relação ao jornalismo, constata-se que essa relação é notável no caso do Brasil, pois nele está evidenciado o gênero mais presente nos textos do pseudônimo de M. Paulo Filho, a crônica, aliada à memória. Essa referência, citada em alguns dos próprios textos de Paraguaçu, é exemplo de Literatura de jornal. Nela, a aproximação, tematização e estilização de questões cotidianas — em sua maioria, sobre figuras importantes da história, política, literatura e imprensa brasileiras — possuem a memória histórica e social que permite entrever que a cultura lhe está inserida enquanto sistema articulado também pelas áreas que subsistem à narrativa e à realidade. Assim, uma vez que história e enredo se misturaram no recorte das três produções em crônica, o visitante do museu, narrador da(s) própria(s) história(s), reconhece-se também como figura híbrida numa cultura em que percebe o quanto esse conceito é fundamental.

Referências

- ALMEIDA, Danilo Cerqueira. Presencial e digital na vida social: João Paraguaçu em apontamentos de catalogação nos jornais Correio da Manhã e O Imparcial, 2 dez. 2021. Trabalho apresentado no **13º Colóquio do Gelc e 6ª Jornada de Literatura, História e (Auto)Biografia do GpbioH**, Mesa 6 - Estudos Literários e a Contemporaneidade: Resistência e Esperança [1 vídeo (130 min). Publicado pelo canal Pós-Graduação em Estudos Literários – UEFS]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cIso8Q2qRlk>. Acesso em: 9 dez. 2021.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Reidy: lembrança. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 12 ago. 1964. 1º Caderno, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_07&PagFis=54248. Acesso em: 19 maio 2021.
- ANDRADE, Jeferson Ribeiro de. **Um jornal assassinado**: a última batalha do Correio da Manhã. Colaboração de Joel Silveira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. **Crônica**: história, teoria e prática. São Paulo: Scipione, 1993.
- CALLIPO, Daniela Mantarro. Resgate histórico e cultural: a pesquisa em periódicos na busca pela compreensão do texto literário. *In*: II Colóquio da Pós-Graduação em Letras, 2010, Assis. **Anais...** Assis, 2010. Disponível em: <https://livrozilla.com/doc/1498181/resgate-hist%C3%B3rico-e-cultural--a-pesquisa-em>. Acesso em: 19 maio 2022.
- ESTEVES, Rosa. Ciência Empírica da Literatura (CEL). *In*: CEIA, Carlos. **E-Dicionário de Termos Literários**. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/ciencia-empirica-da-literatura-cel>. Acesso em: 19 maio 2022.
- FERREIRA, Laís Mônica Reis. **Educação e Assistência Social**: as estratégias de inserção da Ação Integralista Brasileira nas camadas populares da Bahia em O Imparcial (1933-1937). 2006. 134 f. Dissertação (Mestrado em História Social) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006. Disponível em: <https://ppgh.ufba.br/pt-br/educacao-e-assistencia-social-estrategias-de-insercao-da-acao-integralista-brasileira-nas-camadas>. Acesso em: 19 maio 2022.
- FIGUEIREDO, Regina Maria de Britto. **Uma teoria literária em expansão**. Rio de Janeiro, 2006. 130f. Tese (Doutorado em Letras) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), 2006. Disponível em: http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=8837@1. Acesso em: 19 maio 2022.
- FRANCO, J. L. de A.; DRUMMOND, J. A.: Armando Magalhães Corrêa: gente e natureza de um sertão quase metropolitano. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 1033-59, set.-dez. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702005000300021>. Acesso em: 25 maio 2022.
- GOTTARDI, Ana Maria. Ambiguidade e diversidade da crônica. *In*: GOTTARDI, Ana Maria. **A crônica na mídia impressa**. São Paulo: Arte e Ciência, 2007. p. 11-27. Disponível em: https://www.unimar.br/biblioteca/publicacoes/ftp/miolo_cronica.pdf. Acesso em: 19 maio 2022.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história do museu. **Caderno de Diretrizes Museológicas**, Belo Horizonte, n. 1, 2006, p. 19-32. 2. ed. Disponível em: https://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2015/04/Caderno_Diretrizes_I-Completo-1.pdf. Acesso em: 19 maio 2022.

LIMA, João Gabriel de. O maior brasileiro da história. **Época**, [s. l.], n. 434, 2006. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EIT471-16091,00.html>. Acesso em: 25 maio 2022.

OLINTO, Heidrun Krieger. A teoria na prática é outra? *In*: OLINTO, Heidrun Krieger (Seleção, tradução e apresentação). **Ciência da literatura empírica: uma alternativa**. RJ: Tempo Brasileiro, 1989. p. 13-33.

OLINTO, Heidrun Krieger; SHOLLHAMMER, Karl Erik. Literatura e mídia hoje — novos encontros. *In*: OLINTO, Heidrun Krieger; SHOLLHAMMER, Karl Erik (org.). **Literatura e mídia**. Rio de Janeiro: PUC RIO; São Paulo: Loyola, 2002. p. 7-16.

PARAGUASSÚ, João. Do Museu Simoens da Silva. **O Imparcial**, Salvador, 15 dez. 1943. p. 5.

PARAGUASSÚ, João. Museu da Cidade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 17 jun. 1942. p. 23. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_05&pagfis=11742. Acesso em: 19 maio 2022.

PARAGUASSÚ, João. Museu da Cidade. **O Imparcial**, Salvador, 19 jun. 1942. p. 5.

PARAGUASSÚ, João. Na Pinacoteca. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 19 mar. 1942. p. 9. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_05&PagFis=10749. Acesso em: 19 maio 2022.

PARAGUASSÚ, João. Na Pinacoteca. **O Imparcial**, Salvador, 21 mar. 1942. p. 5.

PARAGUASSÚ, João. No Museu Simoens da Silva. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 30 nov. 1943. p. 11. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_05/18431. Acesso em: 19 maio 2022.

PAULO FILHO, Manoel. **Literatura e história**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1958.

PAULO FILHO, Manoel. **Ensaio e estudos**. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1961.

PAULO FILHO. **Memórias de João Paraguassú: 1910-1964**. Rio de Janeiro: Livraria São José Editora, 1964.

PAULO FILHO, Manoel. **Tempos idos...** Rio de Janeiro: Livraria São José Editora, 1968.

PINHO, Adeíto Manoel. **Uma história da literatura de jornal: O Imparcial da Bahia**. 2008. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) — PUCRS, Porto Alegre, 2008. 2 v. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/4064>. Acesso em: 19 maio 2022.

PORTELLA, Eduardo. Visão prospectiva da literatura no Brasil. *In*: PORTELLA, Eduardo. **Teoria da comunicação literária**. 2. ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1973. p. 145-162.

PÓVOAS, Mauro Nicola. A imprensa literária no Rio Grande do Sul do século XIX. *In*: PINHO, Adeíto Manoel; ALMEIDA, Danilo Cerqueira (org.). **Para aprender com o 2020**: afetividades, ecoliteraturas, histórias, pandemia, políticas, geografias, identidade cultural, integração, diversidade, migração. Porto Alegre: Mundo Acadêmico, 2020. p. 126-131. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1FHu4BYBMjFAgd2tBCo9uQBwFOCHoFzWA/view>. Acesso em: 25 maio 2022.

SANT'ANNA, Sabrina Marques. P. Pretérito do futuro: o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e seu projeto de modernidade. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 41, n. 1, 2010, p. 67-86. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/805>. Acesso em: 19 maio 2022.

SCHMIDT, Siegfried J. A ciência da literatura empírica: um novo paradigma. *In*: OLINTO, Heidrun Krieger (Seleção, tradução e apresentação). **Ciência da literatura empírica**: uma alternativa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989. p. 35-33.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Atualizada. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, C. V. e. O sertão amansado. **Sociedade e cultura**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 101-110, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/11177>. Acesso em: 25 mai. 2022.

“Entering and leaving” museums: chronicles of João Paraguaçu according to Hybrid Cultures

Abstract: In this paper, we present some chronicles and articles of João Paraguaçu. John Paraguaçu is the writer's pseudonym, journalist, academic and political M. Paulo Filho (1890-1969). The texts were published in two Brazilian journals: **O Imparcial** (1918-1947) and the **Correio da Manhã** (1901-1974). This memory in these texts and reference tells personalities, social practices and policies between the 19th and 20th centuries. Will relate theoretical, social, economic and media contextualization of these productions in the history of Brazilian literature (Sodré, 1999; Olinto 1989, 2002) based on the arguments of Néstor García Canclini in **Hybrid Cultures: Strategies for Entering and Leaving Modernity** (2013 [1989]). Thus, feature frequent articulation process between sectors, supposedly divergent interests, and categorizations, but interchangeable in practice, events and policies present in the culture. We propose to analyze what is historically punctuated by Argentine anthropologist and cultural critic on equity based on the analysis of some museums of America. The point of view adopted for the study presented is that of memoirs and cultural aspects selected around these institutions in some Latin American countries, including Brazil, where it is subject matter of chronicles João Paraguaçu “No Museu Simoens da Silva”, “Museu da Cidade” and “Na Pinacoteca”.

Keywords: M. Paulo Filho. Literatura de Jornal. Memory and Cultural Criticism.

Recebido em: 18/10/2023 – Aceito em: 22/11/2023